

## OS CINCO ELEMENTOS ESSENCIAIS DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA

É freqüente nas nossas escolas encontrar os estudantes sentados em grupo, mas na realidade, trabalham individualmente para resolverem as tarefas propostas. Não discutem entre si, não partilham ideias nem material, não cooperam. Os alunos sentam-se em célula, mas não trabalham em célula (Carratero, 1998).

A este propósito, Yaniz (2003) refere que existe uma diferença importante entre agrupar os estudantes e estruturar a cooperação entre eles. Cooperar não significa distribuir um trabalho ao grupo para que um membro o realize. Não é pedir tarefas individuais, em que os estudantes que terminam antes ajudam os outros, não é simplesmente uma partilha de recursos.

Segundo, Johnson & Johnson (1999 a) para que a aprendizagem seja cooperativa é necessário que se verifiquem as seguintes características específicas que não atuam isoladamente, mas são interdependentes.

- interdependência positiva;
- responsabilidade individual;
- interação frente a frente permitindo o desenvolvimento de competências sociais;
- desenvolvimento de competências interpessoais e grupais;
- avaliação do processo do trabalho da célula de modo a melhorar o funcionamento do mesmo.

A interdependência positiva caracteriza-se por um sentido de dependência mútua que se cria entre os alunos da célula e que pode conseguir-se através da implementação de estratégias específicas de realização, onde se incluem a divisão de tarefas de diferenciação de papéis, atribuição de recompensas, estabelecimento de objetivos comuns para todo a célula e realização de um único produto (Marreiros, 2001) Johnson & Johnson (1999 a), referem ainda que a interdependência positiva cria um compromisso com o sucesso de outras pessoas, para além do seu próprio sucesso, o qual é a base da Aprendizagem Cooperativa. Referem ainda os mesmos autores que, sem interdependência positiva, não há cooperação.

Numa célula de Aprendizagem Cooperativa este componente é fundamental. Todos os estudantes da célula devem ter tarefas destinadas e serem responsáveis por elas, percebendo, que se um falhar, não é ele que falha, mas toda a célula.

Pujolás (2001) citando Putnam (1993) e Johnson & Johnson (1994) refere que a interdependência positiva só se verifica quando os estudantes tiverem a convicção de que navegam no mesmo barco e que se salvam juntos ou se afundam juntos. Deste modo, os membros de uma célula cooperativa têm uma dupla responsabilidade: aprender o que o professor lhes ensina e procurar que todos os estudantes da célula aprendam o mesmo. Assim, há uma interdependência positiva quando todos os estudantes da célula se sentem corresponsáveis pela aprendizagem de todos.

De acordo com Pujolás (2001) há cinco modalidades de interdependência principais que passamos a referir:

- A)- a interdependência positiva de finalidades;
- b)- a interdependência positiva de recompensa/celebração;
- c)- a interdependência de tarefas;
- d)- a interdependência de recursos;
- e)- a interdependência de papéis.

A interdependência de finalidades ocorre quando todos os membros trabalham para um fim comum, os estudantes estão conscientes que só alcançam os seus objetivos se, e somente se, todos os membros da célula também conseguirem os seus. A célula une-se em função de um objetivo comum ou navegam juntos ou se afundam juntos. Quando a célula alcança os seus objetivos cada estudante da célula sente-se recompensado por este fato e celebra juntamente com os seus companheiros o sucesso da célula. Neste caso falamos de interdependência positiva de recompensa/celebração.

A atribuição de recompensas ou a celebração de um êxito alcançado pelas células de aprendizagem cooperativa constitui um incentivo, aumenta o entusiasmo e a autoconfiança de cada um e da célula aumentando a motivação para novas aprendizagens.

A interdependência de tarefas ocorre quando os estudantes de uma mesma célula se organizam para concretizarem uma tarefa que lhes foi atribuída como, por exemplo, resolver um problema ou preparar determinado tema. Normalmente isto acontece quando o tema é subdividido e uns estudantes fazem um tipo de pesquisa e outros fazem outro.

A interdependência de tarefas está de alguma forma ligada à interdependência de recursos. Cada membro da célula possui apenas uma parte dos recursos, informação ou materiais necessários à realização de uma determinada tarefa. Para que a célula consiga atingir o seu objetivo os diferentes estudantes da célula têm de partilhar o material que possuem. Por fim a interdependência de papéis existe quando cada elemento tem um papel que está dependente dos outros, de tal modo que, para que a célula consiga atingir os seus objetivos, é necessário que cada elemento da célula desempenhe, com responsabilidade e eficácia, o papel que lhe foi atribuído.

Johnson & Johnson (1999 a) referem que se podem considerar outros tipos de interdependência positiva, pois quanto mais formas de interdependência se implementarem numa aula, melhores serão os resultados. Cabe ao professor decidir quais as formas que melhor se aplicam para a tarefa proposta.

O segundo elemento essencial da aprendizagem é a responsabilidade pessoal e o compromisso individual. Cada célula deve sentir-se responsável pelas aprendizagens definidas para essa célula, e cada membro será responsável pela tarefa que lhe foi atribuída. Ninguém pode aproveitar o trabalho dos outros. A responsabilidade individual implica que cada estudante da célula seja avaliado e que a célula saiba que a sua avaliação é o resultado dessas avaliações individuais. A finalidade das células de Aprendizagem Cooperativa é que os estudantes aprendam juntos para, posteriormente, poderem desempenhar sozinhos as tarefas que lhe são propostas (Johnson & Johnson 1999 a).

Pujolás (2001) considera que uma das finalidades da Aprendizagem Cooperativa é permitir que cada um dos membros da célula se torne uma pessoa mais sólida e coerente nos seus direitos e deveres. Assim, o compromisso individual na aprendizagem é a chave para assegurar que todos os membros da célula saiam fortalecidos, de tal forma que sejam capazes de realizar sozinhos tarefas parecidas com aquelas que realizaram na célula, tanto a nível cognitivo como atitudinal.

O terceiro elemento da Aprendizagem Cooperativa é a interação frente-a-rente ou cara-a-cara a qual se caracteriza por manter os alunos numa situação física permitindo que cada um esteja frente a frente com os outros e assim, os diferentes estudantes se encorajem e facilitem os esforços de cada um de modo a alcançarem os esforços da célula (Marreiros, 2001).

A este propósito, Johnson & Johnson (1999 a) consideram que algumas atividades cognitivas e interpessoais só podem realizar-se quando cada educando promove a aprendizagem dos seus companheiros, explicando verbalmente como resolver os problemas (falar ajuda a pensar) ao analisar conceitos que estão sendo aprendidos, ou ainda ensinar o que sabe aos seus companheiros. Deste modo, ao promover a aprendizagem pessoal, os membros da célula adquirem um compromisso uns com os outros, assim como com os seus objetivos comuns.

O quarto componente da Aprendizagem Cooperativa consiste em ensinar aos estudantes algumas competências sociais e grupais. Os estudantes, tal como necessitam de aprender os conteúdos académicos, também necessitam de aprender as competências sociais necessárias para funcionar como parte de uma célula cooperativa.

Pujolás (2001) considera que para que cada educando seja responsável pela tarefa que lhe foi atribuída deve utilizar e desenvolver corretamente um conjunto de competências sociais de modo que:

- Todos os estudantes se conheçam e confiem uns nos outros;
- Dentro da célula haja um diálogo aberto, direto;

- Todos os estudantes da célula respeitem as diferenças individuais e se apoiem uns aos outros;
- Resolvam de forma construtiva os eventuais conflitos que surjam dentro da célula.

Os estudantes não nascem com estas competências sociais, nem elas surgem espontaneamente. Elas têm de ser ensinadas e trabalhadas de forma correta e sistemática de modo a permitir aos educando a sua aquisição e consequente utilização no trabalho da célula. Quanto maior for o nível das competências sociais atingidas por cada estudante da célula, maior será o rendimento e aproveitamento da célula cooperativo. Tal como diz Pujolás (2001, p.79). O quinto e último elemento da aprendizagem cooperativa é a avaliação grupal. Johnson & Johnson (1999 a) referem que esta avaliação ocorre quando os estudantes da célula analisam em que medida os objetivos da célula estão sendo alcançados, tendo em conta as regras definidas. Devem ainda determinar quais as atitudes positivas e negativas e quais as condutas que a célula deve manter ou modificar.

A este propósito Pujolás (2001) considera que esta avaliação deve ser feita de forma sistemática e periódica permitindo a célula refletir sobre o seu funcionamento, garantindo assim que todos os membros recebam o feedback sobre o seu desempenho e, portanto, cada estudante tenha oportunidade de se afirmar em alguns comportamentos e modificar outros. Se não se verificarem as condições que acabamos de referir, é possível que o trabalho da célula seja improdutivo e que, por isso, o professor não o utilize na sala de aula ou então o faça esporadicamente. Mas nem os adolescentes nem os adultos sabem de forma inata como trabalhar em célula com êxito. Não é algo com que se nasce. Aprende-se. Requer uma aprendizagem (Fraile, 1998).

Puttnam (1993) citado por Pujolás (2001) refere que a cooperação não ocorre de forma automática, requer tempo e trabalho. Uma célula ineficaz num determinado trabalho no presente poderá no futuro ter sucesso se os seus membros interagirem de modo a refletirem sobre os problemas, a resolvê-los de forma criativa, de tal modo que, quanto maior for a aquisição das competências sociais, maior será o rendimento da célula.

### **Referência:**

RIBEIRO, Celeste Maria Cardoso. Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: Uma estratégia para aquisição de algumas competências cognitivas e atitudinais definidas pelo ministério da educação. 2006. 222 f. Dissertação (Mestrado em Biologia e Geologia para o ensino) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2006.